

Entre a Plenária e o Terreiro: O Toré como Prática de Articulação Sociopolítica na 26ª Assembleia Xukuru do Ororubá

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO
SUBÁREA: SA-3

Mateus Maciel
Universidade Federal da Paraíba
casadamusica.pe@gmail.com

Vinícius Eufrásio
Universidade Federal da Paraíba
vinie@emo.ufpb.br

Resumo: Este trabalho apresenta reflexões decorrentes de uma pesquisa etnográfica realizada durante a 26ª Assembleia do povo Xukuru do Ororubá ocorrida entre os dias 17 e 21 de maio de 2026 no território Indígena Xukuru do Ororubá, em Pernambuco, e que teve como tema “Limolaygo Toype: A cada guerreira que se levanta, nossa luta se fortalece”. Partindo da compreensão do Toré como prática que articula, espiritualidade, música, memória, territorialidade e ação política, busca-se analisar os papéis desempenhados por essa manifestação ao longo da assembleia. A observação participante evidenciou que o Toré não se restringe a momentos cerimoniais específicos, estando presente na abertura dos trabalhos na Mata Sagrada, nos intervalos das plenárias, nos deslocamentos coletivos, nos espaços de convivência e no encerramento do evento. A pesquisa demonstra que o Toré atua como elemento fundamental na experiência coletiva, fortalecendo vínculos comunitários, trazendo memórias ancestrais e reafirmando o compromisso com a defesa do território. Também foram observadas práticas de intercâmbio entre diferentes povos indígenas convidados. O estudo dialoga com debates sobre etnicidade, territorialidade e performance ritual entre os povos indígenas do Nordeste brasileiro, contribuindo para a compreensão das múltiplas funções sociais da música em contextos indígenas contemporâneos.

Palavras-chave. Territorialidade, Ancestralidade, Ritualística.

Title: Between the Plenary and the Terreiro: The Toré as a Practice of Sociopolitical Articulation in the 26th Xukuru Assembly of Ororubá

Abstract: This work presents reflections arising from ethnographic research conducted during the 26th Assembly of the Xukuru do Ororubá people, held from May 17th to 21st, 2026, in the Xukuru do Ororubá Indigenous territory in Pernambuco, Brazil, with the theme "Limolaygo Toype: With each warrior who rises, our struggle is strengthened." Starting from an understanding of Toré as a practice that articulates spirituality, music, memory, territoriality, and political action, this study seeks to analyze the roles played by this manifestation throughout the assembly. Participant observation revealed that Toré is not restricted to specific ceremonial moments, being present at the opening of the proceedings in the Sacred Forest, during plenary breaks, in collective movements, in spaces of conviviality, and at the closing of the event. The research demonstrates that Toré acts as an important element in the collective experience, strengthening community bonds, bringing ancestral memories, and reaffirming the commitment to the defense of the territory. Practices of exchange between different invited indigenous peoples were also observed. The study engages with debates on ethnicity, territoriality, and ritual



performance among the indigenous peoples of Northeast Brazil, contributing to the understanding of the multiple social functions of music in contemporary indigenous contexts.

Keywords. Territoriality, Ancestry, Ritual.

Introdução

O povo Xukuru do Ororubá habita a Serra do Ororubá, localizada principalmente nos municípios de Pesqueira e Poção, no Agreste de Pernambuco. Distribuídos em vinte e quatro aldeias, os Xukuru protagonizaram, sobretudo nas últimas décadas do século XX, importantes processos de mobilização em defesa de seu território tradicional, articulando reivindicações territoriais, fortalecimento identitário e valorização de práticas culturais e espirituais próprias (Silva, 2008; Silva; Barros, 2022). Diante desse contexto, a luta pelo território tornou-se elemento indissociável da preservação da memória coletiva e das formas tradicionais de organização social.

Entre os principais espaços de organização sociopolítica do povo Xukuru destaca-se a Assembleia Xukuru do Ororubá, realizada anualmente desde o início dos anos 2000. Conforme argumenta Souza (2024), a Assembleia e o Ato Público constituem importantes mecanismos de mobilização coletiva, reunindo lideranças, jovens, anciãos e representantes de outros povos indígenas para discutir questões relacionadas ao território, aos direitos indígenas e à continuidade das lutas históricas do povo Xukuru. Mais do que um evento deliberativo, a Assembleia configura-se como um espaço de fortalecimento político, construção de alianças e atualização da memória coletiva. De forma semelhante, Silva (2020) compreende as assembleias como práticas de construção da identidade territorial Xukuru, nas quais território, ancestralidade e ação política são continuamente reafirmados.

Nesse cenário, o Toré ocupa papel de grande relevância. Segundo Oliveira (2004), o Toré constitui um dos principais marcadores da identidade indígena no Nordeste brasileiro, articulando processos de afirmação étnica, territorialidade e pertencimento coletivo. Para Grünewald (2005), trata-se de um complexo ritual que conecta espiritualidade, música, memória e relações com os encantados, ultrapassando interpretações que o reduzem a uma manifestação folclórica ou exclusivamente artística. Entre os Xukuru do Ororubá, pesquisas indicam que as práticas ritualísticas associadas ao Toré participam ativamente da reprodução da vida comunitária e dos processos de fortalecimento político e espiritual do povo (Melo, 2021).



Durante o evento, foi possível identificar que o Toré não se restringia a momentos específicos da programação, estando presente na abertura ritual realizada na Mata Sagrada em Pedra D'água, nas plenárias, nos espaços de convivência, nas homenagens às lideranças ancestrais e nos deslocamentos coletivos promovidos ao longo da assembleia e no seu encerramento. Diante de tais observações, neste trabalho, buscamos compreender e evidenciar de que maneira o Toré atua como prática de mobilização sociopolítica no cerne da Assembleia Xukuru do Ororubá. Ao analisar os diferentes contextos de sua realização, procuramos evidenciar como música, ritualidade, memória, espiritualidade e territorialidade se articulam na produção da vida coletiva Xukuru contemporânea.

2. Relato de Experiência

O presente texto é resultado da observação etnográfica realizada durante a 26ª Assembleia Xukuru do Ororubá, cujo tema foi “Limolaygo Toybe: A cada guerreira que se levanta, nossa luta se fortalece” (Figura 1). As assembleias constituem espaços privilegiados para a observação das formas pelas quais os Xukuru articulam política, espiritualidade e memória coletiva. Conforme destaca Silva (2008), os encontros comunitários desempenham papel central na construção da unidade política do povo Xukuru e na continuidade de seus projetos de luta e resistência.

Anualmente, as aldeias que integram o território Xukuru se encontram para pôr em debate questões que são pertinentes para o convívio coletivo. Deliberam sobre temas de ordem interna, como: o resgate histórico dos processos de retomada dos seus territórios, de organização para enfrentamento à criminalização das suas lutas, sobre as práticas agrícolas e uso dos recursos hídricos, sobre as políticas de educação escolar indígena; até temas que extrapolam as demandas territoriais locais, mas são decisivos para refletirem as perspectivas de futuro, não só do povo Xukuru, como dos povos indígenas de um modo geral, como as estratégias de fortalecimento político diante conjunturas de desmonte e ataque aos direitos sociais conquistados (Silva. 2020. p.198).

Figura 1: Imagem da entrada da plenária com o tema da Assembléia Xukuru



Fonte: Acervo dos Pesquisadores.

A abertura oficial da 26ª Assembleia Xukuru do Ororubá ocorreu na Mata Sagrada da Aldeia Pedra d'Água (Figura 2), espaço de profundo significado espiritual para o povo Xukuru. O momento reuniu indígenas, visitantes e lideranças em torno do Toré, marcando o início das atividades da assembleia, e foi conduzido pelo Pajé Zequinha, importante liderança religiosa que, no mesmo dia, havia recebido o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Pernambuco. Conforme apontam Silva (2008) e Melo (2021), os espaços sagrados Xukuru constituem locais de fortalecimento da memória ancestral e de conexão com os encantados, articulando espiritualidade e mobilização coletiva. Durante a realização do ritual, observou-se ainda a existência de protocolos próprios relacionados ao registro audiovisual, sendo determinadas etapas preservadas da documentação pública em respeito às orientações da comunidade e aos seus princípios culturais.



O ritual sagrado constitui um dos momentos centrais da vida espiritual e coletiva do povo indígena Xukuru do Ororubá, articulando dimensões religiosas, políticas, territoriais e identitárias. Sua realização envolve uma sequência de práticas que se inicia muito antes do momento público do Toré, abrangendo processos individuais de preparação, ritos de fortalecimento espiritual conduzidos pelo pajé e, posteriormente, a realização dos cantos e movimentos coletivos que estabelecem relações entre os participantes, os encantados e os ancestrais.

A partir do relato da guerreira Xukuru Marcinha, foi possível compreender que existe uma diferenciação fundamental entre o Toré enquanto prática cotidiana de expressão cultural e o ritual sagrado conduzido dentro de contextos específicos. Segundo sua experiência, “o ritual é diferente do Toré”, pois envolve um espaço próprio, cantos específicos e uma preparação conduzida espiritualmente. Essa distinção evidencia que, para o povo Xukuru, nem todo canto ou dança de Toré corresponde necessariamente ao ritual sagrado, pois este está ligado a uma dimensão espiritual mais profunda e organizada dentro de determinados lugares e circunstâncias.

A preparação para o ritual começa individualmente. Os participantes são orientados a adotar uma postura de respeito, concentração e abertura espiritual, buscando o equilíbrio necessário para ingressar no espaço sagrado. Esse momento pode envolver rezas, práticas de proteção, orientações dos mais velhos e elementos transmitidos pela tradição oral. Dessa maneira, a participação no ritual não se limita à presença física, mas exige uma disposição corporal e espiritual, demonstrando que a música e a performance estão relacionadas a processos de conexão com forças ancestrais.

Após a chegada ao local ritual, inicia-se a pajelança, conduzida pelo pajé. Essa etapa representa um momento de comunicação com os encantados, os ancestrais e as forças espirituais vinculadas ao território. Por meio de rezas, cantos, gestos e elementos simbólicos, o pajé prepara o ambiente e os participantes para o desenvolvimento do ritual. Conforme observado na 26ª Assembleia Xukuru, esse momento possui caráter específico e não deve ser compreendido apenas como uma apresentação musical, mas como uma prática espiritual de fortalecimento coletivo. Inclusive é importante ressaltar que esse momento é bem restrito e requer muito respeito, os guerreiros que formam círculo ao redor do pajé ficam bem atentos acerca da existência de pessoas gravando e filmando, pois isso não é permitido durante toda a pajelança.





A pajelança também evidencia a relação entre espiritualidade, território e memória. Os espaços escolhidos para os rituais possuem significados próprios, relacionados à história do povo e às suas lideranças. Essa dimensão pode ser percebida na relação estabelecida entre o ritual e lugares de memória, como o território onde está sepultado o cacique Xicão Xukuru, espaço marcado pela ancestralidade e pela luta política do povo Xukuru.

A figura do Cacique Xicão, Francisco de Assis Araújo, nascido na Aldeia de Cana Brava em 1950 constitui uma importante referência na história recente do povo Xukuru do Ororubá. Sua liderança, sobretudo a partir do final da década de 1980, esteve vinculada ao fortalecimento da organização política e às mobilizações pela retomada do território tradicional. Xicão foi assassinado em 20 de maio de 1998, em Pesqueira-PE, em um contexto marcado por conflitos territoriais. Entretanto, sua morte não encerrou sua presença política e simbólica entre os Xukuru, que passaram a reafirmar sua memória como referência de luta, resistência e ancestralidade (SILVA, 2008). Nesse contexto, a Assembleia Anual Xukuru do Ororubá, realizada desde 2001 no mês de maio, constitui também um espaço de memória e continuidade das lutas associadas à trajetória de Xicão, articulando organização política, território e reafirmação da identidade coletiva.

Após esse momento de preparação espiritual, ocorre o Toré, marcado pela organização dos participantes em roda, pelo uso dos maracás, pelos cantos conhecidos como pontos e pelos movimentos corporais coletivos. Entretanto, como destacou Marcinha, os pontos entoados realizados durante o ritual possuem características específicas, pois são cânticos vinculados àquele momento espiritual. Assim, os pontos não funcionam apenas como músicas, mas como formas de comunicação, memória e fortalecimento das relações entre comunidade, encantados e território.

Os pontos cantados durante o Toré também carregam narrativas históricas e simbólicas. No relato da guerreira Marcinha, destaca-se o ponto “diziam que eu não sabia cantar”, interpretado durante a marcha das mulheres. Para ela, esse canto adquiriu um significado político e simbólico por representar a quebra de paradigmas relacionados ao papel das mulheres dentro da condução ritual. A presença feminina organizada na marcha e no canto coletivo expressa não apenas participação, mas também protagonismo e continuidade da resistência indígena.

Nesse sentido, o canto torna-se uma forma de afirmação identitária. Ao entoar esses pontos, as mulheres reafirmam seus conhecimentos, suas capacidades de condução e sua participação ativa na transmissão da tradição. O Toré, portanto, também se configura como



espaço onde disputas internas, memórias e processos de fortalecimento coletivo são expressos através da performance musical.

Outro elemento significativo destacado por Marcinha é o ponto associado à figura de Santa Joana d'Arc, uma guerreira reconhecida simbolicamente por sua força e luta. Segundo seu relato, embora seja um ponto considerado de trabalho espiritual e que exige respeito dentro do ritual, ele foi entoado naquele momento pela força simbólica que representava para as mulheres presentes. Essa relação demonstra como elementos de diferentes tradições religiosas podem aparecer ressignificados dentro da experiência Xukuru, compondo um campo complexo de relações entre espiritualidade indígena, memória e sincretismos.

Assim, o ritual sagrado, desde a preparação individual até a realização do Toré, configura-se como uma prática complexa que envolve corpo, música, espiritualidade e território. Os cânticos, os passos e os espaços rituais não são apenas elementos performáticos, mas constituem formas de produzir conhecimento, fortalecer vínculos comunitários e atualizar memórias ancestrais. O Toré, nesse contexto, apresenta-se como uma prática de resistência e afirmação cultural, na qual os Xukuru reafirmam sua existência, sua história e sua relação com os encantados e com a Serra do Ororubá.

Figura 2: Indígenas praticando o toré na abertura da Assembléia Xukuru na Mata Sagrada



Fonte: Acervo dos Pesquisadores.

Durante os quatro dias da 26ª Assembleia Xukuru do Ororubá, foi possível observar que as atividades eram iniciadas por momentos rituais conduzidos pelo Pajé Zequinha (Figura 3), frequentemente acompanhados por gaiteiros responsáveis pela execução do memby, instrumento de sopro presente no rito do toré. Entretanto, a presença do Toré não se restringia às aberturas formais da programação. Entre plenárias, palestras, debates e encontros informais, o ritual surgia espontaneamente, mobilizando participantes indígenas e não indígenas em movimentos coletivos de canto e dança. Essa dinâmica reforça a compreensão de Grünewald (2005) de que o Toré ultrapassa a condição de manifestação ritual delimitada, constituindo uma prática contínua de produção de pertencimento, memória e fortalecimento comunitário. Situação semelhante pôde ser observada nos espaços de acampamento, onde delegações de diferentes povos, entre eles os Fulni-ô, realizavam seus próprios Torés em momentos não previstos na programação oficial.

O Toré, enquanto prática ritual, articula dimensões musicais, corporais, territoriais e cosmológicas, constituindo-se como um espaço de atualização da memória ancestral e fortalecimento da coletividade, sendo uma complexa organização sonora e performática, na



qual os elementos musicais não aparecem isolados, mas integrados a uma experiência ritual que envolve canto, movimento, instrumentos e conexão com forças espirituais.

Os cânticos, também denominados “linhas”, funcionam como um dos principais elementos estruturantes do Toré, conduzindo a narrativa ritual e estabelecendo uma relação entre os participantes, a ancestralidade e os elementos sagrados presentes na cosmologia indígena. Entre essas referências destaca-se a presença da Jurema, compreendida não apenas como elemento botânico, mas também como força espiritual e ancestral. Essa dimensão pode ser percebida em versos como “Ô pisa, pisa, vamos pisar, Ô pisa na jurema do Rei Orubá, A jurema [tem] a jurema [dá], Ô caboclo bom pra trabalhar, Eu sou o Rei (o Rei de lá), Sou de juremá (ele é o Rei de lá), Eu vim pra trabalhar (ele é o Rei de lá)” e também nos “Eu vim, eu vim cantar, Óia caboclo “brabo”, Ô cadê juremê, Óia caboclo “brabo”, Ô cadê juremá”, nas quais a planta aparece vinculada a conhecimentos e práticas espirituais transmitidas pelos mais velhos. A repetição das frases melódicas, característica marcante dessas cantigas, não representa uma simples reprodução textual, mas atua como mecanismo de concentração, envolvimento coletivo e construção de uma atmosfera ritualística que favorece a conexão entre os participantes e o mundo espiritual.

A dimensão sonora do Toré é conduzida principalmente pelos cantadores, responsáveis por iniciar e conduzir as linhas, enquanto os demais participantes respondem em um sistema musical baseado na alternância entre chamada e resposta. Esse modelo responsorial fortalece a participação coletiva e dissolve a separação entre intérprete e público, pois todos passam a integrar a construção sonora do ritual. Os instrumentos, como as maracas e as gaitas, desempenham funções fundamentais na organização do tempo musical e na sustentação da performance. A maraca, em especial, atua como elemento responsável por estabelecer o pulso do ritual, guiando o movimento corporal e mantendo a continuidade da experiência sonora.

Nesse contexto, o corpo assume papel central como instrumento de expressão e comunicação. A marcha realizada pelos participantes transforma o ritmo em movimento, estabelecendo uma relação direta entre música, corpo e território. Os passos marcados no chão não representam apenas deslocamento físico, mas também uma forma de conexão simbólica com a terra, produzindo uma dimensão sonora própria dentro do ritual. O corpo indígena, portanto, participa ativamente da construção musical, tornando-se parte da paisagem sonora do Toré. Essa relação aparece também nas próprias cantigas, como no verso “Eu entrei na mata a porta abrir”, que sugere a passagem para espaços de significado espiritual e territorial.



Outro elemento relevante dentro da dinâmica ritual é o bacurau, momento associado à intensificação da força coletiva e à afirmação da identidade do grupo. Nesse momento, a música ultrapassa a dimensão exclusivamente celebrativa e assume também um caráter político, espiritual e mobilizador. As mensagens presentes nas cantigas expressam resistência, união e agradecimento, como observado no verso “dê a força e a coragem meus irmãos para lutar... Obrigado, senhor meu rei, Senhor meu rei do Ororubá”, revelando que o Toré também funciona como espaço de fortalecimento comunitário e reafirmação da continuidade histórica do povo.

A espacialidade presente nas cantigas reforça ainda a dimensão transcendental do ritual. Referências à mata, ao mar e à abertura de caminhos, como no trecho “Eu entrei na mata, a porta se abriu... Ninguém não viu... ninguém ouviu”, apontam para uma experiência que ultrapassa o mundo visível e estabelece comunicação com dimensões espirituais. A música, nesse sentido, não é apenas uma manifestação estética, mas um meio pelo qual conhecimentos, memórias e relações com o sagrado são atualizados. A figura dos “velhos”, frequentemente mencionada nas cantigas, representa a continuidade da sabedoria ancestral e o vínculo com aqueles que mantêm esses saberes vivos.

Dessa forma, o Toré pode ser compreendido como uma prática sonora ritualística na qual música, movimento, território e espiritualidade formam uma unidade inseparável. Sua performance revela uma concepção de música que não se limita à produção sonora, mas envolve modos de existência, transmissão de conhecimento e afirmação identitária. A análise dos registros audiovisuais permite compreender como os elementos musicais e corporais se articulam na construção de uma experiência coletiva marcada pela ancestralidade e pela resistência cultural.

Figura 3: Pajé Zequinha à esquerda utilizando o capelo, o qual recebeu juntamente ao título de Doutor Honoris Causa e a sua direita Seu Medalha, mestre gaiteiro com o seu memby em mãos.



Fonte: Acervo dos Pesquisadores.

Outro aspecto que chamou atenção durante a realização da assembleia aqui analisada foi a presença simultânea de diferentes referências religiosas e que podemos compreender como componentes da espiritualidade indígena contemporânea do povo Xukuru. Ao longo das atividades, notou-se a recorrência de elementos associados ao catolicismo, à tradição da Jurema e às práticas próprias do Ritual Sagrado Xukuru. Tal articulação tornou-se particularmente evidente no encerramento da assembleia, realizado por meio de uma missa celebrada no cemitério da Mata, local onde está “plantado” o Cacique Xikão e outras importantes lideranças indígenas. Em seguida, os participantes iniciaram o Toré que conduziu a marcha de encerramento (Figura 4). Essa coexistência entre diferentes expressões religiosas dialoga com a análise de Melo (2021), segundo a qual a religião indígena Xukuru constitui um sistema híbrido e plural, resultado de processos históricos de reelaboração religiosa que

articulam referências indígenas, católicas e juremeiras. Nos próprios pontos do Toré, entendidos neste trabalho como os cânticos que compõem o repertório ritual, observamos a recorrência de menções à Jurema, aos encantados e às forças espirituais da natureza, reafirmando a importância dessa tradição na constituição da espiritualidade Xukuru.

Figura 4: Indígenas em marcha no centro da cidade de Pesqueira



Fonte: Acervo dos Pesquisadores.

O encerramento da Assembleia permitiu compreender de forma mais ampla o papel desempenhado pelo Toré na vida coletiva Xukuru. Mais do que uma manifestação musical ou ritual presente em momentos específicos da programação, o Toré mostrou-se elemento estruturante da experiência sociopolítica observada em campo. Da abertura realizada na Mata Sagrada às plenárias, dos encontros entre diferentes povos indígenas aos momentos de convivência nos acampamentos, das homenagens às lideranças ancestrais à marcha final pelas ruas de Pesqueira, o Toré esteve continuamente associado à produção de pertencimento coletivo, à atualização da memória e à reafirmação do compromisso com a defesa territorial. Essa observação aproxima-se da interpretação de Souza (2024), para quem a Assembleia Xukuru constitui uma prática político-ritual de resistência e mobilização. Na edição de 2026,

marcada pelo tema “Limolaygo Toype: A cada guerreira que se levanta, nossa luta se fortalece”, destacou-se ainda o protagonismo das mulheres indígenas na condução da marcha de encerramento, evidenciando que a luta territorial, a memória ancestral e a organização política continuam sendo construídas coletivamente pelas novas gerações de lideranças Xukuru.

Referências

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. *Toré: regime encantado do índio do Nordeste*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2005.

MELO, Constantino José Bezerra de. O terreiro de ritual sagrado da Boa Vista e suas práticas híbridas e plurais na religião indígena do povo Xukuru do Ororubá. *Paralellus*, v. 12, n. 29, p. 199–211, 2021.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

SILVA, Beatriz Barbosa da; GONÇALVES, Cláudio Ubiratan; SANTOS JÚNIOR, Avelar Araújo; PINTO, Luana Elis Oliveira. Limolaygo Toype: as assembleias indígenas e a construção da identidade territorial dos Xukuru do Ororubá. *Revista NERA*, 2020.

SILVA, Edson Hely. *Xukuru: memórias e história dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira-PE), 1950-1988*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SILVA, Edson Hely; BARROS, Isabela Paes de. Povo indígena Xukuru do Ororubá: uma história de mobilizações por afirmação de direitos. *Direito e Práxis*, 2022.

SOUZA, Edimilson Rodrigues de. Somos todos Xicão: assembleia, ato público e mobilizações entre os Xukuru do Ororubá. *RURIS*, v. 14, n. 2, p. 17–50, 2024.